

revista virtual • março 2008

ehlas

Campeãs de 2007

Jacqueline Silva

Stephanie Gilmore

Tita Tavares

Diana Cristina

Mainá Thompson



Diz-se que, numericamente, 2008 é um ano "1" ($2+0+0+8 = 10 = 1+0 = 1$), e que no dia 01/01/2008 uma porta de acesso a um novo começo se abriu, pois o 1 é o número dos novos inícios. 2008 é também o ano Internacional do Planeta. Todos nós surfistas temos uma preocupação a mais com a natureza, sem ela não existiriam as ondas, e as emoções que elas nós despertam jamais seriam sentidas.

Se formos nos basear na numerologia e nos pensamentos cabalísticos, ou se nos basearmos em que um planeta Terra saudável implica em uma vida saudável para qualquer ser vivo. 2008 é sem sombra de dúvida um excelente ano para a revista Ehlas estreitar... Um início, um começo, um sonho de um mundo melhor!

Nesta edição, a número "1", trazemos nada mais que todas as atletas número 1 dos circuitos profissionais de surfe: as campeãs de 2007.

Entrevistas e depoimentos de quem entrou 2008 segurando o posto de... número 1! Uma homenagem a todas as mulheres campeãs que acreditam, sempre, em novos começos.

A revista Ehlas dá também algumas dicas de como ajudar na luta por um planeta melhor, pequenas atitudes que podem fazer toda a diferença

Você não está mais sozinha no *lineup*.

Ehlas está no ar... e no mar.

Brigitte Mayer



CAPA:
Jacque super bem colocada em um tubo em Mentawai.
Foto: Rip Curl International, Sparkes

EDITORIAL:

Ehlas!

Ehlas por Ehlas.

Ehlas para Ehlas.

Ehlas sobre Ehlas.

Ehlas fazendo o que gostam.

Ehlas falando o que querem.

Ehlas surfando, treinando, viajando e praticando os mais loucos esportes do momento.

Ehlas atrás das lentes, escrevendo, vencendo campeonatos ou simplesmente cuidando da sua saúde.

Ehlas lançando moda.

Ehlas com seus dramas e vitórias.

Ehlas contando suas histórias.

Ehlas fazendo loucuras.

Ehlas é a nossa conquista !

Ehlas é uma revista virtual feita por mulheres que adotaram o surfe como estilo de vida.

Ehlas tem vários assuntos a tratar, pois além de surfar, o universo feminino tem muitos segredos a desvendar.

Visite **Ehlas**.

Leia **Ehlas**.

Escreva para **Ehlas**.

Seja uma **dEhlas**, conte suas aventuras, mande suas fotos e experiências.

Conte com **Ehlas!**

Roberta Borges



Foto: Roberta Borges

Foto: Rick Werek



ÍNDICE:

Jacqueline Silva
Stephanie Gilmore
Tita Tavares
Diana Cristina
Maina Thompson
Moda
Hawaii
Ano Novo
Ecologia

QUEM FAZ Ehlas:

Brigitte Mayer



BRIGITTE MAYER • *Editora*

Ao longo de 20 anos de competições, a carioca Brigitte Mayer pôde observar os vários estágios do surfe feminino. Muitas coisas mudaram neste período; o que não mudou foi a sua paixão pelo mar e as ondas. Ela continua segurando a bandeira do esporte que tanto ama, divulgando, competindo e incentivando as atletas mais jovens. brigitte@ehlas.com.br

Claudia Gonçalves



CLAUDIA GONÇALVES • *Editora*

Com 21 anos de idade, ela é a caçula da revista Ehlas e encabeça a nova geração do surfe feminino brasileiro. Apesar de ainda muito jovem, já surfou milhares de ondas mundo afora. Tem também diversas temporadas no circuito de surfe feminino em seu currículo - e é certeza nos pódios dos campeonatos. Desde pequena, sempre teve muito atitude nas ondas. Agora, irá direcionar sua atitude e incansável energia também para a revista Ehlas. claudiae@ehlas.com.br

Roberta Borges



ROBERTA BORGES • *Editora e fotógrafa*

"A paixão pelo surfe me levou a fotografar. Sentia necessidade de fazer parte daquela natureza e, ao mesmo tempo, queria partilhar com os outros os belos momentos que eu testemunhava". Roberta Borges começou a surfar e fotografar ainda na década de 70, em Torres. Foi a primeira campeã brasileira de surfe e a primeira mulher a

representar o Brasil no Campeonato Mundial de Surfe Amador. Hoje, surfa nas ondas da praia da Barra, Garopaba, em frente a sua casa, mas "só pela paixão". roberta@ehlas.com.br • www.robertaborges.com.br

Rick Werneck



RICK WERNECK • *Editor de fotografia*

A primeira foto foi feita de dentro d'água, em abril de 1981, na Praia Vermelha do Norte, em Ubatuba, São Paulo. Desde então, foram muitos anos dentro d'água — e alguns fora d'água, com o canhão. "Sou Nikonmaníaco desde então e não troco ela por nada. Em abril de 2001, virei compositor e a música tomou grande parte na minha vida. A partir daí, quando não estou viajando para fotografar, estou viajando para surfar com a família, compondo músicas com meus filhos". rick@ehlas.com.br

MONIKA MAYER • *Designer*

Formada em design gráfico há 20 anos, já mostrou seu talento em revistas, CDs e em inúmeras capas de livros encomendadas pelas mais importantes editoras do país para sua empresa, a Mello e Mayer Design. E, agora, com o projeto gráfico da Ehlas. Nas horas vagas, é kneeboarder, pratica ciclismo e é amante dos esportes radicais. Desenvolve ainda um trabalho de artes plásticas com ferro e madeira. "É um enorme prazer participar desta revista: não pensei duas vezes quando recebi o convite". monika@melloemayer.com.br

Monika Mayer



Luiz Flavio



LUIZ FLAVIO • *TI Designer*

Carioca, 35 anos. Responsável pela interatividade e inovações tecnológicas da revista. Atua profissionalmente na área de TI há quase 20 anos. Sempre envolvido em projetos inovadores, principalmente na área de multimídias, internet e interatividade. É sócio da Point of View - Comunicação Interativa, empresa com mais de 10 anos de existência e uma vasta lista de clientes. Luiz aceitou imediatamente o convite para participar da revista por ser um projeto que sempre estará trazendo novidades. pov@pov.com.br

RICARDO LARGMAN • *Editor de textos*

Com 30 anos de experiência em jornalismo e 35 nas ondas, "Kiko" Largman já trabalhou em diversos veículos da mídia impressa e eletrônica. Carioca, é redator, crítico de cinema, roteirista, editor e, hoje, trabalha na área de Comunicação Empresarial. Filmes de qualquer gênero e um surfe no final de tarde mantêm-se como duas de suas grandes e velhas paixões. "Surfo de pranchinha desde os 14 anos, mas, como se pode ver pela foto, apesar das quase três décadas e meio de praia, minha performance na neve parece melhor. Aloha, Ehlas!". solari@mls.com.br

Ricardo Largman



COLABORADORES:

Manuela D'Almeida



MANOELA D'ALMEIDA • *Fotógrafa*

Gaúcha de 22 anos. "Sou formada em jornalismo e fotógrafa há uns quatro anos. Surfo desde meus 12 anos e, desde então, o esporte virou meu estilo de vida. Já viajei pelo mundo sempre com o intuito de surfar e registrar imagens da 'cultura surfe' e do surfe feminino. Atualmente, trabalho como freelancer de fotos e reportagens. Já fiz algumas exposições fotográficas e publiquei nas principais revistas esportivas. Nas últimas semanas, estou no North Shore fotografando e fazendo reportagens! Depois do Hawaii, retorno e já estou planejando o meu próximo destino! Aloha!" manudalmeida@yahoo.com.br

VERI FREITAS • *Fotógrafa*

"Há 4 anos morando na Austrália, divido o tempo entre organização de eventos no Coolangatta Hotel e ser responsável pela festa brasileira que tem sido muito bem recebida pelo público australiano". Veri fez Comunicação e adora escrever quando está inspirada. "Minha vida é muito corrida, não é fácil ser uma imigrante sozinha do outro lado do mundo, mas encaro o desafio e surfando (minha eterna paixão) me encontro novamente. Sinto que minha energia só volta quando vou para o mar... Muita dedicação ao trabalho, atenção voltada para os amigos, curtir os bons momentos: isto sim tornam minha vida mais feliz. Assim encaro a distância e a saudade das pessoas que eu amo e que não tenho por perto, mesmo que seja em breves momentos". pandablue70@hotmail.com

Veri Freitas



Basílio Ruy



BASÍLIO RUY • *Fotógrafo*

Paulista, 52 anos, há 17 vivendo em Florianópolis, Basílio sempre se dedicou ao life style e se especializou na fotografia de surfe. Participa da Revista Fluir desde a sua segunda edição, de 1983. Como editor da Resgate, editora florianopolitana especializada em surfe, ele participou da criação do SurfGuia Brasil que, em suas 5 edições, trouxe todas as praias surfáveis e suas condições em forma de textos e fotos. O SurfGuia já abrangeu as praias do Sul e do Sudeste do Brasil, descrevendo todas as suas praias onde o surf é possível. basilio@surfguiabrasil.com.br

Marcelo Piu



MARCELO PIU • *Fotógrafo*

Marcelo Piu é fotógrafo há 14 anos, faz fotos em formato digital e em película para estúdio, publicidade, catálogos de moda, fotojornalismo, esportes aquáticos (surfe e kite), dentro e fora d'água, e esportes de ação em geral. Trabalha no Jornal do Brasil e costuma dividir seu dia-a-dia de muita adrenalina entre as fotos das operações da polícia carioca e as fotos de surfe. piu.marcelo@gmail.com

Render



FABIO E GUSTAVO • *Render Produções*

A Render Produções, de Fabio Fantauzzi e Gustavo Valle, é uma produtora jovem que busca inovar o mercado audiovisual. Seu foco é a mistura de técnicas de cinema com a objetividade dos filmes publicitários, e a estética da composição de videoarte — que engloba as instalações de veiculação — em novas estratégias de marketing.

No diversificado portfólio da dupla, trabalhos voltados para o esporte, dentro e fora d'água, para o endomarketing de grandes empresas e filmes corporativos e institucionais.

fantauzzireis@hotmail.com

LAILA WERNECK • *Produtora e ecologista*

Começou a surfar de pranchinha nos anos 80, até que um corte no pé, provocado pela quilha, a fez mudar para o bodyboard, onde competiu e chegou a estar entre as top 8 do país. Formada em Turismo com pós-graduação em Ciências Ambientais, dedica-se à preservação do meio ambiente e reaproveitamento de materiais. Nos últimos 7 anos esteve à frente da renovação do surfe feminino ao idealizar um circuito dedicado estritamente às mulheres: o Circuito Petrobras de Surfe Feminino. lwerneck@wnetrj.com.br

Laila Werneck



MARCIA MARCELINO • *Produtora*

Uma mulher dinâmica que, durante a semana, pedala algumas centenas de quilômetros, corre dezenas de minutos, surfa em seu bodyboard e em sua funboard por horas. A vitalidade do dia-a-dia deixa à mostra a sua paixão pelos esportes e pela natureza. Marcia encontra agora mais uma atividade em meio a tanta vitalidade física e ao trabalho social que, há 10 anos, desenvolve em Curitiba: agora, ela colabora com Ehlas trazendo os mais interessantes e badalados acontecimentos sociais e culturais.

siramar13@ig.com.br

Marcia Marcelino



Colaboração
especial de
fotografia: BIDU

PROSI



SURFE DE SALTO ALTO ENTREVISTA:

JAUQUELINE SILVA

Campeã WQS 2007

Por Claudia Gonçalves

Os melhores títulos que o surfe brasileiro já teve no circuito mundial são de uma mulher.

Um rosto bonito, com simplicidade no olhar.

Dona de um sorriso tímido, uma mulher de poucas palavras, mas de muita atitude!

Bicampeã do WQS 2001 e 2007

Vice-Campeã Mundial em 2002

Jacqueline Silva, 28 anos, natural de Florianópolis, Santa Catarina, é atualmente a melhor atleta brasileira na história do surfe mundial. Jacque começou a surfar aos 9 anos de idade por incentivo de seu irmão, Leandro Silva, e do amigo da família e seu empresário até os dias de hoje, Bira. No começo, ela competia contra os garotos: naquela época, em Santa Catarina, ainda não existia número suficiente de meninas para a realização das baterias femininas.

Começou a sua trajetória de sucesso em 1991 quando se tornou campeã amadora catarinense. Repetiu o feito em 92, 93 e 94 e se tornou tetracampeã do estado. Em 1996, foi campeã amadora brasileira e, nesse mesmo ano, disputou o Mundial Amador em Huntington Beach, na Califórnia. Ficou com a terceira colocação.

Em 1997, logo após se tornar campeã brasileira, a surfista foi para o mundo, e aos 17 anos, ingressou no circuito mundial.

Na sua sua estréia, conquistou o título de "Rookie of the year", quando obteve a 13ª colocação geral no circuito WQS. Em 1998, conquistou na sexta colocação e obteve a sua classificação para o circuito WCT do ano seguinte. A primeira temporada no circuito WCT não foi exatamente o esperado, e Jacque perdeu a vaga. A catarinense deu a volta por cima em 2000. Após dez anos, retornou a Huntington Beach para disputar uma vez mais o Mundial Amador: desta vez, ela subiu um degrau a mais no pódio, obtendo a segunda colocação. Para finalizar o ano, no circuito WQS tivemos dobradinha brasileira, com Jacque conquistando o vice-campeonato, atrás de

Tita Tavares. E aí começou a sua trajetória de sucesso no cenário internacional. Jacque conquistou seu primeiro título mundial em 2001, o de campeã do WQS, circuito da divisão de acesso para o WCT. Em seguida, conquistou o título mais importante da sua carreira: a segunda melhor surfista do mundo no ano de 2002. Um vice-campeonato até agora inédito entre as atletas brasileiras no circuito WCT.

Após um ano quase perfeito, as temporadas seguintes foram sem resultados expressivos, embora marcados pela constância. Em 2005, Jacqueline quase perdeu a vaga na elite mundial. Ela chegou ao Hawaii precisando de um ótimo resultado na última etapa do circuito WQS, que acontece em Haleiwa. Ciente de que somente um grande resultado a manteria na elite do surf mundial. A “cartada final” veio em grande estilo, ao fazer a final do evento mais concorrido do mundo. Com isso, ela garantiu a sua permanência na elite do cenário mundial por mais um ano.

Em uma entrevista exclusiva para a revista **Eh!as**, Jacque

Jacque no limite em Mentawai.





Rumo ao título 2007,
vitória em Newcastle.

comentou ter passado os piores períodos de sua vida. Após um desgaste físico e estresse emocional muito forte com o elevado ritmo das competições, e também por ter sentido muita pressão durante todo o ano por conta da falta de bons resultados, ela se deparou com sensações desagradáveis e até então desconhecidas. “Comecei a sentir umas coisas estranhas, tinha umas crises de agonia, ficava perturbada com barulho e não conseguia dormir. Tive que procurar um médico para saber o que estava acontecendo comigo. Foi daí que eu descobri que estava com síndrome do pânico e estresse por conta das competições”, conta a atleta.

Depois de ano muito conturbado e cheio de novos obstáculos a serem ultrapassados, Jacqueline precisava se manter focada no início do ano de 2007 para a primeira etapa do WCT na Gold Coast, Austrália, e os outros eventos que estariam por vir. Segundo o seu médico, Dr. Arthur Herdy, da clínica CardioSport, a atleta ainda não estava 100% psicologicamente tratada, mas, mesmo assim, Jacqueline optou por ir e participar das primeiras competições. “De acordo com os diagnósticos,

eu ainda não estava bem para participar das competições. Confesso que fiquei muito surpresa quando fiz a final do WQS na Austrália com a Silvana. Este campeonato foi muito importante para a minha motivação, foi uma grande vitória”, lembra Jacque. E ela acrescenta: “Quando entrei em contato com o meu médico e falei para ele que tinha conseguido ficar na segunda colocação no campeonato, ele até brincou comigo dizendo que eu sai do inferno direto para o céu”.

Esses fatos são resultados de uma carreira longa e promissora, com grandes vitórias, recheada de dedicação, força de vontade e, acima de tudo, muito profissionalismo e humildade. Jacqueline vivenciou os dois lados da moeda: conseguiu dar a volta por cima, obteve resultados excelentes durante todo o ano, culminando com a conquista do bicampeonato mundial. A brasileira provou mais uma vez para o país e para o mundo que ainda tem muito chão pela frente. Se depender dela, muitas águas ainda vão rolar. Quem sabe o título mundial do WCT em 2008? Estaremos na torcida!



Jacque encaixada em Mentawai.

Foto: Rip Curl International SPARKES

ehos

5 minutos com Jacque Silva...

ehlas: Em 99 você estreou no circuito profissional e não conseguiu se reclassificar para o ano seguinte? Como foi esse primeiro ano e a que se deve a sua não-reclassificação?

Além da falta de experiência, estava fora do ritmo do circuito, das viagens. Acredito que esses foram os motivos que fizeram com que eu não me classificasse. Foi um ano com 14 provas do WCT e 7 do WQS, era muito tempo longe de casa e eu não estava preparada...

ehlas: Você sempre obteve excelentes resultados no circuito internacional, principalmente pela sua constância. Após ter ficado tão perto de conquistar o título mundial em 2001, o que você acha que faltou para ser a número 1 naquele ano?

Foi realmente um ano muito bom para mim. Eu cheguei bem perto de conquistar o título, mas faltou passar uma bateria a



Uma de suas manobras preferidas, a rasgada forte.



mais em cada evento para eu ter sido campeã do circuito. Um ano que para mim vai ficar na memória e acho que para o surfe brasileiro também, já que, até hoje, foi o melhor resultado, e fico feliz por ter vindo dos meus pés.

eh!os: Para você, quais dos seus títulos foi o mais difícil, e por quê?

Fui campeã do WQS em 2001 e repeti o feito em 2007. Acho que cada ano é um aprendizado. Têm aparecido novas meninas no circuito que estão dando o que falar, a nova geração do Hawaii, Austrália e as próprias brasileiras que estão ingressando agora no circuito. O surfe feminino está realmente em ascensão, a cada ano mais forte. Têm aparecido meninas que nunca ouvimos falar arrebetando, fazendo finais de algumas etapas do WQS. Acho que a tendência é essa, até mesmo aqui no Brasil. Para mim, é muito legal estar vendo isso porque, na verdade, não achei que essa evolução fosse ser tão rápido. Ter conseguido o título nessas condições, onde as

meninas estão surfando muito, e a cada campeonato com um nível maior, me deixa muito feliz e grata. Vejo isso como um ponto muito positivo para minha carreira.

eh!os: Quais são as principais dificuldades para correr o tour mundial?

A maior dificuldade do tour é o ritmo das viagens. São muitas provas durante o ano e eu sempre corri o WQS e o WCT, dois circuitos paralelos. A quantidade de viagens é maior e o cansaço também. Eu sempre viajei sozinha e é um pouco pior quando se viaja sozinha — quando se tem companhia o tempo da viagem passa mais rápido. No começo da minha carreira eu viajava com o meu empresário, o Bira. Ele sempre me acompanhava em todas as viagens, e isso foi muito bom para mim porque eu não falava uma palavra em inglês. Ele me ajudou muito.

eh!os: Como tem sido para você a experiência de viajar o mundo inteiro, praticamente

*"A família é tudo, e fundamental
no seu dia a dia, eu sempre
tive apoio dos meus pais
desde quando eu peguei a
minha primeira prancha."*



**Família que é só sorrisos.
Jacque entre seus pais e irmãos.**

sozinha, para competir? De que maneira isso se refletiu e reflete na sua vida pessoal?

Viajar o mundo inteiro sozinha, para mim, é uma experiência de vida muito grande. Tudo que acontece você tem que dar seu jeito, se virar, mesmo não falando a língua. Eu vejo isso como um aprendizado. Aprendi a ser muito independente por causa disto, estar em outro país sozinha, sem ninguém para ajudar. Cresci muito com isso. Hoje, não dependo de ninguém para nada: se eu quiser ir para qualquer lugar do mundo, compro minha passagem, e vou saber como chegar, para onde ir. Isso eu acho um ponto muito positivo.

ehlas: Na época em que você começou a competir, o esporte não era muito praticado por mulheres no Brasil. Como foi a reação da sua família em relação à sua escolha de tornar-se uma surfista profissional?

A família é tudo. É fundamental no seu dia-a-dia. Eu sempre tive apoio dos meus pais, desde

quando eu peguei a minha primeira prancha. Na verdade, meu pai me apoiou um pouco mais; minha mãe ficava brava quando eu saía para surfar e deixava de fazer as coisas em casa. Mas, aos poucos, ela foi percebendo que era aquilo mesmo que eu queria, então ela começou a acompanhar o circuito. Na época que corria o circuito catarinense, o meu irmão mais velho também competia. Todo mundo ia de carro: eu, meu pai e os meus quarto irmãos rodávamos o estado correndo os campeonatos. Foi uma época muito legal.

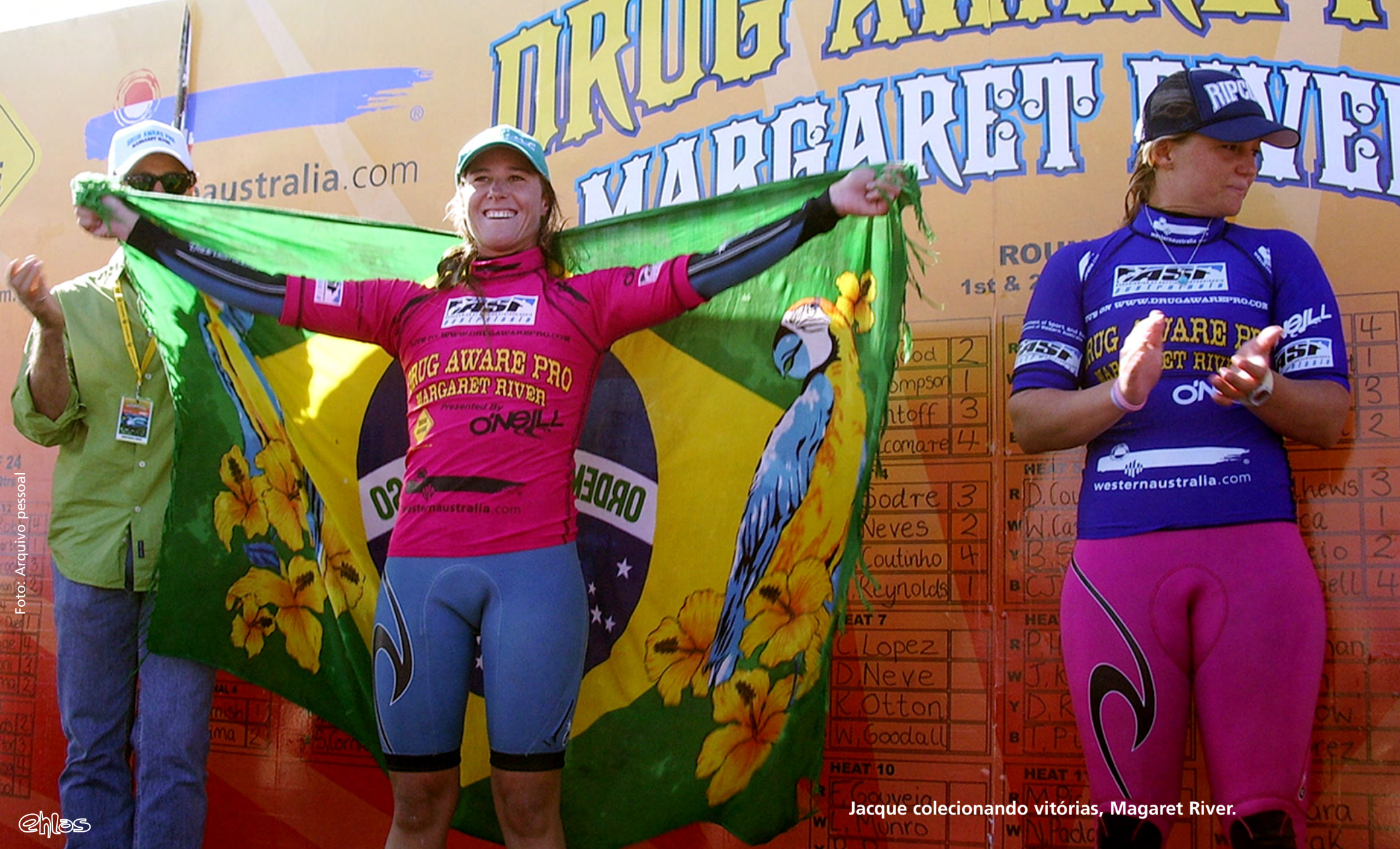
ehlas: Você tem algum momento especial, um momento que marcou a sua vida e que ficará para sempre na sua memória?

Eu levei meu pai um ano comigo para a Europa, e depois ele contava para os amigos como foi. Ele chegava a chorar, e dizia: "Minha filha é uma guerreira!" Porque ele pôde acompanhar de perto tudo o que eu passo para chegar aos lugares, pegar avião, ônibus, trem. E ele ficou muito

De bem com a vida!

Foto: Rip Curl International | SPARKES

ehlas



westernaustralia.com

DRUG AWARE PRO MARGARET RIVER

DRUG AWARE PRO
MARGARET RIVER
Presented By
O'NEILL
westernaustralia.com

ROUND 1
1st & 2nd

Wood	2
Simpson	1
Antoff	3
Comare	4

Bodre	3
Neves	2
Coutinho	4
Reynolds	1

HEAT 7

Lopez	
D. Neve	
K. Otton	
W. Goodall	

HEAT 10

Gouveia	
Monro	

DRUG AWARE PRO	4
MARGARET RIVER	1
O'NEILL	3
westernaustralia.com	2

DRUG AWARE PRO	3
MARGARET RIVER	1
O'NEILL	2
westernaustralia.com	4

DRUG AWARE PRO	
MARGARET RIVER	
O'NEILL	
westernaustralia.com	

DRUG AWARE PRO	
MARGARET RIVER	
O'NEILL	
westernaustralia.com	

Jacque colecionando vitórias, Margaret River.

Foto: Arquivo pessoal

Diversão e bom astral ajudaram na conquista do título em 2007.

Foto: Roberta Borges



impressionado ao perceber como eu conseguia fazer tudo isso sozinha. Prancha nas costas, puxando mala... Ele pôde sentir um pouquinho o que é a minha vida. Isso eu achei muito legal. Só as pessoas que vivem no nosso meio sabem o que nós passamos. Às vezes, as pessoas de fora olham, vêem a transmissão pela internet ou pelas reportagens das revistas e não têm a noção exata de tudo o que passa até entrarmos na água para competir. Isso é um aprendizado que eu vou levar para o resto da minha vida.

ehlos: Para ser uma atleta completa, não basta apenas ganhar campeonatos: precisa ser um bom exemplo dentro e fora da água. E você sempre agregou esses dois aspectos. Na sua opinião, o que faltou para você ter tido um maior reconhecimento da mídia em relação à sua carreira?

Acho que a mídia faz o atleta. Tenho dado o meu máximo durante todos estes anos que eu estou no circuito, e realmente acredito que faltou um pouco

deste reconhecimento da mídia. Talvez eu não tenha a ousadia que a Silvana tem, ou que a Tita teve. As pessoas sempre apontaram a Tita como futura campeã quando eu estava no circuito; agora a Silvana está aí, apontam ela, mas não eu. É uma coisa difícil de falar. Eu não entendo, procuro sempre fazer o meu melhor, e é o que eu tenho feito. Não é à toa que, modestamente falando, eu detenho os melhores resultados até hoje no circuito mundial. Acho que, acima de tudo, tenho que satisfazer a mim mesma, e eu estou muito satisfeita com tudo que eu conquistei.

ehlos: O que você acha do furacão Silvana Lima? Para você, o que falta para ela conquistar o título mundial do WCT?

Desde quando a Silvana entrou no circuito, ela tem sido bem falada. Acho que pelo estilo de surfe dela, que realmente é bem moderno, muito bonito. Ela impressiona a cada bateria, a cada freesurf que faz. Mas, na minha opinião falta um pouco mais de experiência no tour, de



Jacque forte em Pasamayo, Peru.

repente mais dois ou três anos para se adaptar melhor, ganhar confiança e acreditar no surfe dela. Ela já evoluiu muito do ano passado para este ano [2007], começou 2007 com bons resultados e manteve uma constância durante todos os eventos, terminando o ano com uma boa colocação no ranking.

eh!as: Uma vez, em uma entrevista, o Kelly Slater comentou que os surfistas costumam ser o que eles surfam. Na sua opinião, você tem muito da sua personalidade no seu estilo de surfar?

Eu sempre fui uma pessoa bem reservada, muito na minha. Acho que eu não levo isso para dentro da água em todas as competições, mas também acho que, por um lado, esse meu jeito de ser influencia um pouco nas baterias, sim. Às vezes, fico muito paciente, esperando um tempão por uma onda boa que, de repente, pode não vir. Acho que cada um tem seu jeito de ser, que se relaciona à sua tática, e eu sou desta maneira. Já tentei mudar um pouco isto, mas é difícil. Está dentro de mim e acho que, se eu mudar,

vou perder um pouco da minha personalidade.

eh!as: Você passou por uma fase superdifícil da sua carreira no final de 2006. Como isso se refletiu no seu psicológico e na sua vida?

Eu comecei o ano mal, fiquei precisando de uma semifinal em Haleiwa para me manter no WCT. Quando acabou o circuito do Hawaii, eu passei mal, tive que ir ao médico no Brasil, estava com um estresse muito grande, com síndrome do pânico, tudo por causa das viagens, aquela pressão de não conseguir resultado nos campeonatos: a cada evento sem resultados, a cada decepção, tudo ia acumulando. E eu não estava indo bem, mas pensava: "No próximo, vou melhorar". E eu não conseguia. Chega uma hora que o corpo não responde e, no meu caso, foi desta maneira.

Acho que isso influenciou muito o meu psicológico e, depois daquele ano ruim que eu tive, fiquei quase dois meses me

Com a tocha nos jogos Pan-Americanos 2007, reconhecimento.



Foto: Arquivo pessoal



Foto: Marcelo Piu

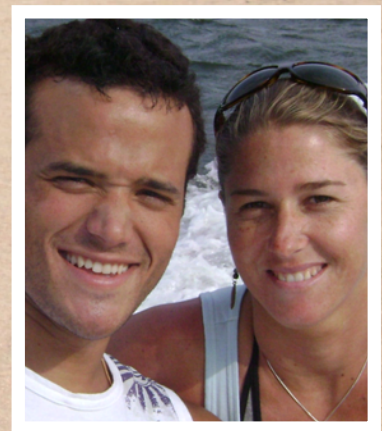


Foto: Arquivo pessoal

Jacque se prepara para mais um treino. Backside forte (menor acima) e com o namorado Rodrigo (menor abaixo).

Foto: Marcelo Piu

Jacque, bonito estilo de backside em Itacaré.





Haleiwa, um lugar onde conquistou muitas vitórias.

tratando até o tour começar novamente. Sinceramente, quando comecei o ano de 2007, eu ainda não estava 100%. Fui um pouco preocupada para a Austrália, pois ainda não estava me sentindo muito legal. Eu tinha umas crises de agonia, ficava perturbada com barulho, com gente, porque eu ainda estava em fase de tratamento. Fiquei preocupada por causa disso e tive medo de passar mau. Mas quando eu fui vice-campeã na etapa de Newcastle, me senti aliviada. Foi como se fosse uma vitória para mim, após todo aquele ano ruim. Foi um grande passo.

Logo depois veio a vitória no seis estrelas de Margaret River — uma alegria imensa. Eu espero que daqui para frente tudo só melhore, porque as coisas ruins já ficaram para trás. Estes momentos de dificuldades que eu passei foi algo que eu não desejo para ninguém. Tive até que parar de surfar porque eu me sentia mal dentro da água. O fato de eu ter conseguido passar por cima de tudo isso que aconteceu representa uma grande vitória na minha vida.

eh!es: Quais são as suas perspectivas em relação a ser campeã mundial do WCT? Você ainda tem este sonho?

Eu tenho almejado isto, mas às vezes são pequenos detalhes que fazem a diferença. Sinceramente falando, já tive mais isso dentro de mim, essa garra. Quando cheguei perto do título eu pensei: “Destas vezes vai dar”. Mas todo ano parece que fica mais difícil. Apesar de serem poucas competidoras, o nível vem aumentando a cada dia, todo mundo com o mesmo objetivo. Sinto que eu não tenho mais aquela energia de cinco anos atrás. Não que eu não tenha este sonho, mas os anos vão passando e as viagens se tornam bem mais cansativas.

Nas competições do WCT existe uma pressão muito grande, porque todos querem ver, saber quem será a nova campeã mundial, e acho que eu tenho surfado muito sob a pressão de ter que ganhar. E daí as coisas não acontecem. A gente tem que deixar as coisas acontecerem um pouco. Entrar na água com o surfe no pé e confiando no seu



"Eu tenho buscado resgatar justamente esses momentos, momentos que eu vivi no passado, as vitórias, a alegria em viajar. Depois de tantos anos no circuito, acho que esse é o segredo. É estar ainda motivada e feliz em estar fazendo o que se gosta"



equipamento, que é fundamental. É isso o que eu tenho feito, e no ano que vem [2008], como já estou classificada para o WCT, vou correr em busca deste título. Com certeza.

ehlas: Logo após você perder a sua vaga no ano de sua estréia no Mundial, você obteve um vice e depois foi número um no circuito WQS e, em seguida, foi vice-campeã do WCT. Aquele momento se parece com este que está vivendo? Como você busca motivação após tantos anos competindo no tour?

Eu tenho buscado resgatar justamente esses momentos, momentos que eu vivi no passado, as vitórias, a alegria em viajar. Depois de tantos anos no circuito, acho que esse é o segredo. É estar ainda motivada e feliz em estar fazendo o que se gosta. Acredito que é normal depois de alguns anos o desgaste. Isso aconteceu comigo. Mas tenho procurado sempre fazer com que as minhas próximas viagens, fossem as primeiras e isso tem me ajudado muito!

Base firme na hora do drop em busca do tubo.





Em seu local de treino preferido.
Moçambique, Florianópolis.



Foto: Basilio Ruy

Manobras como esta consagraram Jacque.

ehlos

"HAPPY GILMORE"

chega ao topo

Por Veri Freitas

Stephanie Gilmore, a atleta do surfe feminino mais prestigiada no momento, só tem motivos para comemorar. A sorridente australiana — ainda adolescente e recém-formada no colegial — conseguiu fazer com 19 anos o que a maioria das pessoas leva a vida sonhando em realizar: tornar-se campeã do mundo em sua primeira temporada como atleta do WCT.

Depois de aprender a ficar em pé em um bodyboard com apenas 10 anos de idade, Steph se encontrou apaixonada pela liberdade que o surfe lhe permitiu sentir. Ela — muitos acreditam — é a garota responsável por inspirar toda uma nova geração de surfistas "atentadas". Em 2005, com apenas 17 anos, Steph ganhou

como convidada a etapa de abertura da temporada do WCT em Snapper Rocks, na Austrália. Em 2006, teve uma inacreditável temporada e, como consequência, qualificou-se com facilidade para o tour de 2007, dando continuação à sua subida no esporte.

Como se não bastasse, ainda em 2006, a surfista superou a sete vezes campeã mundial Layne Beachley na estréia de seu próprio evento, o Havaianas Beachley Classic Tour (campeonato com a maior premiação já realizado), e mais uma vez como convidada sagrou-se campeã. Essas duas vitórias marcaram Gilmore como a única surfista a ganhar os dois maiores eventos de peso do tour como wildcard (convidada); até



Foto: Glenn Hampton

Entocada na Indonésia.



Foto: Rip Curl International / Simon Williams

então, ela não fazia parte da elite de atletas da ASP.

Talento, uma incrível determinação e também um pouco de sorte indicam a causa de todo esse sucesso. Depois de uma campanha excelente no ano de 2007, seu primeiro ano no tour, ela volta para Gold Coast com o título de melhor surfista do mundo e, em seu maior troféu, transpõe seu rosto de menina-moça um sorriso largo pelo reconhecimento deste feito inédito. Com uma bagagem e tanto, a excepcional australiana escreveu seu nome na história do surfe como ninguém tinha feito até hoje. E realizou ainda mais uma proeza: transformou-se na mais jovem surfista a se tornar campeã do circuito WCT.

Mas não só de talento é feito um campeão. Moldada para vencer, Gilmore faz parte de um megaprojeto de uma empresa de surfe australiana com um planejamento de marketing que estrategicamente investe em seus atletas no longo prazo. Juntamente com a RipCurl, Steph provou que marcas bem envolvidas no mercado mundial

são capazes de “produzir” com muito sucesso campeões de ponta. Sem tirar o mérito individual de cada um, fica evidente que o suporte aos pequenos prodígios e às diversas atividades em torno de suas carreiras acabam por influenciar e acelerar o processo de desenvolvimento do esporte. Resumo da ópera: empresas do mercado de surfwear podem ser verdadeiras fabricas de campeões.

Numa entrevista exclusiva, Stephanie fala do brilhante momento que atravessa na sua curta carreira com atleta do WCT.

5 minutos com Steph...

eh!os: Você tem consciência do que aconteceu ou ainda está nas nuvens com toda essa mudança em sua vida?

Não muito, acho que ainda estou nas alturas!

eh!os: Como se sentiu ao chegar na Austrália com este troféu?



Estilo Steph!

No aeroporto em Sidney, assim que cheguei, senti uma emoção incrível, o carinho das pessoas, a quantidade de câmeras que vieram na minha direção. Tudo foi surreal. Em seguida, voei direto para Coolangatta, onde é minha casa, e foi ainda mais emocionante, com todos os meus amigos empolgados, usando bonés "Happy Gilmore". Foi maravilhoso!

ehlas: Em algum momento você deixou de acreditar que chegaria ao título?

Eu estava bem apreensiva até o último dia do campeonato. Havia a inconstância das ondas e o meu nervosismo me deixou abalada, me fez pensar muito. A ansiedade foi muito grande e sei que isso faz parte. Mas decidi colocar tudo na balança e passei a acreditar que tinha chance de vencer, sim. Comecei a pensar de forma positiva e, de repente, comecei a me divertir. Aí as ondas boas surgiram e tudo aconteceu da melhor forma.

ehlas: Após vários momentos importantes, sua carreira ficou em evidência. Por exemplo,

ao conseguir o título no Campeonato Mundial Junior e, logo depois, a consagração como a mais jovem atleta a vencer um evento mundial como convidada do WCT de 2005. Você bateu mais um recorde, só que desta vez surpreendeu a todos ao vencer mais uma vez como convidada, em outubro de 2006. Afinal, foi o campeonato de maior premiação até hoje realizado no esporte, e você venceu a própria organizadora do evento, Layne Beachley. Com todo este histórico, sua vitória agora parecia inevitável, você não achou?

Acho que sim. Sempre tive muita confiança no meu surfe e venho treinando muito para obter resultados expressivos. Mas também estive no momento certo e no lugar certo. É preciso contar com a sorte: ela também é decisiva.

ehlas: Como foi voltar para a água em "casa"?

Eu me diverti muito ontem, surfando em casa, com todos os iniciantes em D.Bah, onde está sendo realizada a etapa do



Foto: ASP

"Mas também estive no momento certo e no lugar certo. É preciso contar com a sorte: ela também é decisiva."

Ripcurl Groom Search. São centenas de crianças te olhando e torcendo para que você caia [risos]. Todos querem buscar esse título e a pressão gira em torno disso o tempo todo. Querem evoluir e vencer e há uma incrível energia nisso. Na água, eu me senti muito bem, envaidecida, às vezes, e até constrangida, envergonhada. Foi muito estranho. Estou certa de que muita gente fará tudo para conseguir este troféu no ano que vem [2008], e isto faz o surfe evoluir e se tornar cada vez mais competitivo, e criativo e bonito, e faz também toda uma indústria se movimentar em torno dessa busca. Certamente, elas serão melhores que eu!

eh!os: Com todos esses acontecimentos, quais são os seus planos e metas para 2008?

Bom, acho que tudo é muito recente, e o melhor que tenho a fazer é curtir essa alegria. Vou tentar relaxar, aproveitando para me preparar para a próxima temporada que ainda não começou...

No seu primeiro ano de WCT, já segura o troféu de campeã!



Foto: Manuela D'Almeida



Foto: Veri Freitas

TITA, UMA GUERREIRA brasileira

Por Roberta Borges

Maria das Graças Tavares Brito, a nossa Tita Tavares, nasceu em Titanzinho, Fortaleza, Ceará. E começou cedo a surfar. “Eu tinha 5 anos de idade e minhas primeiras ondas eu peguei com uma 'taubinha' feita de madeira, que agente dava forma de uma pranchinha. A parafina era vela e a pranchinha tinha até quilha!”, lembra a atleta. A seguir, Tita revela ao **Eh!as** mais detalhes de sua vida, da sua história, da difícil trajetória, da prática do esporte e da sua fé.

5 minutos com Tita...

eh!as: Como e por que você começou a surfar?

O lugar onde eu moro tem muitas crianças e o surfe é uma brincadeira de criança. Eu não tinha brinquedos e ficar em casa era, para mim, “ser gente grande”, pois tinha que tomar conta da casa, de meus irmãos, etc. Eu preferia ficar na beira da praia! Surfava como dava: sem prancha, com taubinha, de pedaço de isopor... Eu queria é estar dentro d'água! Isso me deixava - e me deixa - feliz!

eh!as: Mas o surfe como esporte, como aconteceu?

Um dia, meu irmão Joao Carlos, que também surfa, me deu um grande presente: uma prancha de surfe. Até hoje sou muito grata por esse presente!



Foto: Rick Werneck



Fotos: Roberta Borges

Foto: Rick Werneck



Manobras como esta mostram por que Tita é tricampeã.

ehlas: Como você descreve o surfe profissional no Ceará?

Falta de dinheiro e patrocínio sempre foi, e ainda é até hoje, a frase mais comum para a maioria dos cearenses que praticam o esporte. Mas daqui do Ceará saiu muito gente boa, e temos muitos atletas que podem sair daqui e ir para o cenário mundial. Mas falta aquele empurrãozinho...

ehlas: Com você também foi assim?

Comigo não foi diferente. Passei por várias dificuldades, mas como desde pequena tinha o surfe no pé, sempre usei esse meu jeitinho...

Não faltava gente para me ajudar. Aí, juntava uma ajuda daqui, outra ajuda de lá, e pronto: quando ia ver, era pódio na certa! Mas não posso me esquecer do presidente da associação, Romero Juca, que consegui o meu primeiro grande patrocínio! E foi ele que me deu assessoria no começo da minha carreira. Esse foi o meu primeiro grande passo.

ehlas: O que é o surfe, para você?

O surfe, para mim, é o meu trabalho, meu esporte, minha paixão. Graças a Deus e ao surfe, tive a oportunidade de mudar o rumo de minha vida, dos meus familiares, amigos e do meu bairro. Imagino que, se não fosse uma surfista profissional, poderia virar mais uma mulher daqui do meu bairro cheia de filhos, de doenças, sem ter o que comer, onde morar e o que vestir. Poderia não estar mais viva. Poderia ser tanta coisa... Mas Deus escreveu minha história e me considero uma guerreira brasileira! Graças a Deus!

ehlas: Como você avalia sua carreira após o título de 2007?

Esse foi um bom ano em minha vida, pois pude provar para o público, para meus patrocinadores, para a mídia e, no fundo, para mim mesma, que tenho capacidade de voltar ao WCT. Nos últimos dois anos, passei uma provação muito grande: fiquei sem patrocínio,

Fotos: Roberta Borges





Tita atacando com determinação o lip da Tiririca.

Tita, uma pessoa muito querida
por onde passa. Itacaré/2006.



fiquei fora do tour mundial. Tive dengue, também, quase morri, e isso tudo abalou muito meu psicológico. E se não fosse, mais uma vez, Deus, minha família, amigos e o surfe... Hum... Então, fechei o ano realizada! E muito confiante!

ehlas: Quais são seus objetivos para este ano?

Minha meta para 2008 é? Super Surf e WQS. Depois, WCT! Atualmente, estou me re-estruturando, me organizando para voltar ao tour mundial e com patrocínio novo... mais experiente... Vida nova!

ehlas: E quais são seus patrocinadores?

Meus patros: Marmot Surfwear, Keto Sahpers, Pao é Minha Energia e CT Acessórios.

ehlas: Tem planos para o futuro quando parar de competir?

Planos para o futuro eu tenho muuuuuitos! Mas o que eu não posso é contar! Ha-ha-ha! Me aguardem!

ehlas: Qual foi a sua melhor viagem?

Em Barbados, com a finada e grande amiga Deborah Farah!

ehlas: Alguma mensagem para as novas gerações do surfe brasileiro?

Estude e treine bastante! Respeite seu próximo, preserve a Natureza e ame a Deus! Que tudo dará certo!

ehlas: E sobre o Ehas...

Eu tenho que agradecer este espaço e parabenizar as meninas pela iniciativa! É muito importante incentivar e fortalecer os esporte que "Elhas" praticam, pois o Brasil é muito grande e a nova geração esta aí, dando o que falar, e sei que vocês terão muito trabalho pela frente, dando um novo rumo ao esporte!

Uma abraço de Tita e lembre-se:
"Se Deus prometeu, ele é fiel para cumprir!"

Colaboração: Raphaela Bahia

"Mas Deus escreveu minha história e me considero uma guerreira brasileira!"



Fotos: Roberta Borges

DIANA CRISTINA

nasceu para brilhar!

Por Claudia Gonçalves

A Índia Brasileira está mostrando que não entrou no cenário para ser apenas mais uma, e sim para ser a melhor. Determinação, garra e muito treino têm sido as principais ferramentas para conquistar os seus maiores objetivos. Ela começou a surfar aos 10 anos de idade na Baía da Traição na Paraíba, onde nasceu. Desde o começo da carreira, era evidente o talento nato que esta jovem garota possuía em suas mãos - ou melhor, nos pés.

Tininha, como sempre foi chamada pelos amigos, é uma garota alegre, simpática e um tanto ousada. Não disfarça a satisfação ao estar no comando das brincadeiras mais hilárias e extravagantes; não tem papas

na língua e faz o que realmente lhe dá vontade. Muito querida por todos, ela distribui sorrisos por onde passa, mas quando se trata de competição, você pode enxergar esta mesma menina com outros olhos, com os olhos de Diana Cristina, fixos em um único ponto, o oceano, com uma certeza inabalável, confiança no seu surfe e apenas uma meta: vencer.

Aos 15 anos, a atleta faturou a primeira etapa do circuito WQS de 2006, no Costão do Santinho, em Florianópolis. Fez história no surfe brasileiro e mundial como a surfista mais nova a se tornar campeã em uma etapa WQS. Neste mesmo ano, obteve 95% de aproveitamento nas competições que participou,



Foto: Roberta Borges

Aos 17 anos de idade, Diana se consagrou a surfista mais nova a ganhar um circuito de surfe brasileiro profissional na história do país.



Foto: Xande Werneck



Foto: Rick Werneck

Diana sempre procura radicalizar.



Foto: Rick Weineck

Tradicional rasgada de Diana.

ehlos

contando com inúmeras vitórias nos campeonatos amadores, no Brasil e no exterior. Após brilhar em diversas etapas dos circuitos brasileiros profissionais e internacionais, a paraibana decidiu entrar definitivamente na briga ao se profissionalizar, no começo de 2007. E ela não estava de brincadeira quando tomou esta decisão: conquistou o título de campeã do Circuito Super Trials Feminino logo de cara, em seu primeiro ano de circuito. Após esta conquista, aos 17 anos, Diana fez mais uma vez história no esporte do país, consagrando-se a surfista mais nova a ganhar um circuito de surfe brasileiro profissional.

5 minutos com Tininha...

ehlas: Você se profissionalizou no ano de 2007 e já conquistou um título profissional na sua primeira temporada. Esperava esta vitória logo de cara?

Eu estava muito instigada, com muita vontade de competir, mas não esperava que logo no meu

Diana sempre chamou atenção. Olhar é um aprendizado.

Foto: Basílio Ruy



primeiro ano eu fosse conseguir ser campeã do circuito profissional. Foi uma surpresa maravilhosa. Eu treinei e me dediquei muito a isso.

ehlas: Agora você faz parte da elite do surfe brasileiro profissional. Quais são as suas expectativas em relação ao seu primeiro ano no Supersurf?

Fazer o que eu realmente sei fazer e gosto, que é surfar. Espero manter uma boa constância em todos os eventos para que eu possa me tornar

campeã do Supersurf também. Este é o meu maior objetivo para o ano de 2008.

ehlas: Mesmo tendo acabado de se profissionalizar, você, quando amadora, sempre participou de algumas etapas do circuito brasileiro e mundial profissional. E, desde então, sendo apontada como uma grande promessa para o surfe nacional. Quais são os seus planos para 2008?

Os meus planos são correr todas as etapas do Supersurf, as do circuito Petrobras, e do Super

Trials, e também as etapas mais importantes do circuito mundial, o WQS. Eu tenho fé em Deus que vou conseguir me classificar para o WCT em poucos anos.

ehlas: Você tem algum planejamento específico para alcançar este objetivo, e quando?

Acredito que o sonho de qualquer surfista profissional seja entrar para o WCT, e esta é a minha grande meta. Pretendo me dedicar muito às etapas do WQS para ficar entre as seis melhores do circuito – e com isso conseguir a minha vaga para o WCT em uns dois anos. Tudo é possível: basta acreditar.

ehlas: Qual ou quais as surfistas que mais te inspiram dentro da água, e por quê?

Os meus ídolos são a Tita Tavares e a Silvana Lima. Porque elas têm muito surfe no pé e são bem radicais – eu adoro elas como pessoas também. As duas são as minhas grandes incentivadoras para a evolução do meu surfe, e o melhor é que elas são nordestinas, como eu!

Foto: Basilio Ruy



Jogando água em Lobitos.

eh̃l̃as: Qual é o lugar que você mais gosta de surfar?

Na minha terra, Baía da Traição, na Paraíba. Me sinto muito à vontade, pois tenho muitos amigos que me apóiam e me incentivam. Aprendi a surfar lá e conheço muito aquela onda.

eh̃l̃as: Você vem de uma aldeia indígena. Como surgiu esta sua relação com o surfe?

Ao redor da minha cidade existem 26 aldeias indígenas, só que, desde que eu nasci, moro na praia. Isso facilitou muito o meu contato com o surfe. Os meus avôs é que moram nas aldeias mais afastadas.

eh̃l̃as: Como funciona esta história de ter que pedir autorização do cacique para ir surfar?

Esta história é real. Eu tenho que pedir permissão quando eu quero surfar nas praias das aldeias. Não são em todas, mas em algumas, como na aldeia do Galego, onde eu costumo surfar freqüentemente. Tenho que pedir autorização para o cacique

da aldeia para ir surfar na Vala, que é o nome do pico de surfe que faz parte desta aldeia.

eh̃l̃as: Como a sua família reagiu diante desta sua vontade de se tornar uma surfista profissional? Eles a apoiaram?

No início, minha mãe e meu pai não gostavam muito da idéia, mas logo eles viram que era aquilo que eu realmente queria. Eles perceberam que eu poderia ter um grande futuro pela frente com o surfe. A partir daí, eles me deram o maior apoio e me ajudam até hoje.

eh̃l̃as: Qual é o seu maior sonho? E o que você acha que precisa para conquistá-lo?

Meu grande sonho é ser um dia campeã mundial. E sei que vou precisar de muito surfe, muito treinamento, principalmente em ondas grandes, e bastante disciplina para isto. Mais eu chego lá!

eh̃l̃as: O que você mais valoriza na sua vida?

Minha família e também meu trabalho, que é o surfe!

Diana, nossa índia surfista.



Foto: Roberta Borges



Foto: Roberta Borges



Foto: Xande Werneck

Diana Cristina mostrou bom faro
para tubos em Lobitos, Peru.



Foto: Basilio Ruy

MAINÁ, uma surfista de alma

Por Brigitte Mayer

Mainá Thompson - 23 anos, bicampeã brasileira do Circuito Amador e, agora, campeã Profissional de 2007 - mostrou que a sua pequena estatura em nada se parece com a grande paixão que nutre pelo Longboard.

5 minutos com Mainá...

eh!s: Como foi a sua iniciação no surfe?

O surfe tem uma trajetória bastante longa na minha vida: minha família praticamente toda é do surfe. Meu pai, minha tia e, agora, minha irmã de 8 anos. Na realidade, meu pai é que sempre surfou. Ele me incentivou nas ondas - e sempre

fui o orgulho dele. Ele sempre quis ter um filho homem e, como não teve, queria que eu fizesse as coisas que ele fazia. Ele me deu a primeira prancha, uma prancha que tinha sido dele. Desde que eu me lembro, o surfe sempre fez parte da minha vida.

eh!s: E como o Longboard aconteceu?

Comecei com a pranchinha e, aos 12 anos, já competia. Depois de uns 5 anos, comecei a me identificar mais com o Longboard, a gostar do estilo: eu "me visualizava" num estilo mais clássico, via sempre o Marcelo Freitas surfando e o estilo dele me inspirava. Isso me motivou a surfar de longboard. Além disso, o meu marido,





Foto: Bidu

Mainá rumo ao *lip*.

ehlos

Dionísio, começou a surfar de longboard. Aí ele botou a maior pilha para eu surfar de longboard, ao invés de pranchinha. No meu primeiro campeonato de “Long”, fiquei em segundo. Daí por diante não larguei mais.

eh!as: Você compete há muitos anos, não é?

Meus primeiros campeonatos foram nas escolhinhas. Eu era muito novinha e comecei a competir brincando. No começo, eram os campeonatos regionais, municipais. Depois, alguns campeonatos estaduais. Cheguei a participar de algumas etapas da OSP. Ninguém deve nem lembrar, mas corri várias baterias contra a Brigitte Mayer e a Andrea Lopes; na época, tinha também a querida Deborah Farah, a Ana Gaion, que mora no Hawaii agora, e a Juliana Guimarães, que era pequenininha. Competia como amadora. Naquela época quase não se via meninas surfando de pranchão. Aos poucos, foram aparecendo mais meninas. E aí surgiu o Carioca de Longboard Amador. Hoje sou atleta da categoria

profissional e corro os campeonatos brasileiros da categoria.

eh!as: Qual foi a emoção de ganhar o primeiro título profissional em casa?

Foi a maior emoção, pois quase todos os meus amigos estavam ali, torcendo por mim. A maior galera, o pessoal todo daqui da praia da Macumba estava torcendo e vibrando. Eu estava ali para mostrar meu surfe. Nunca competi para ganhar de ninguém e sempre tive a certeza de que tinha a capacidade de vencer.

eh!as: Alguma coisa mudou depois da conquista do título?

Eu corro os campeonatos porque eu amo o surfe. Eu não ganho nada para competir; não tenho patrocínio, só apóio. E quando ganhei o título, o que veio na minha cabeça era que as pessoas iriam reconhecer o meu trabalho, a mídia também, que os patrocinadores iriam, enfim, aparecer. Só que eu estou vendo que, na realidade, não é nada disso - continua muito difícil.



E para falar a realidade, eu acho que ficou até mais difícil. Estou tendo a impressão que os patrocinadores acham que eu vou exigir muito porque eu fui campeã brasileira.

ehlas: Há muita rivalidade nos campeonatos?

Particularmente, sou um pouco fechada quando estou

competindo. Sempre que eu estou nos campeonatos, meu objetivo é vencer, eu não vou parar ficar de conversa. Não gosto muito de juntar as amizades e a competição. Isso sempre acaba em atrito. Mas eu me dou bem com todas as meninas.

ehlas: E o Longboard Feminino, tem futuro no Brasil?

Na realidade, no surfe feminino, quem acredita mesmo somos nós, as mulheres. Sempre foi assim. Por isso, o Circuito Petrobras, que a Laila Werneck organiza, é o melhor do Brasil para nós atletas do surfe feminino. Hoje podemos observar uma evolução. Temos novos nomes, como a Laura Chaja. Ela é novinha, tem 14 anos, mas tem muita disposição.

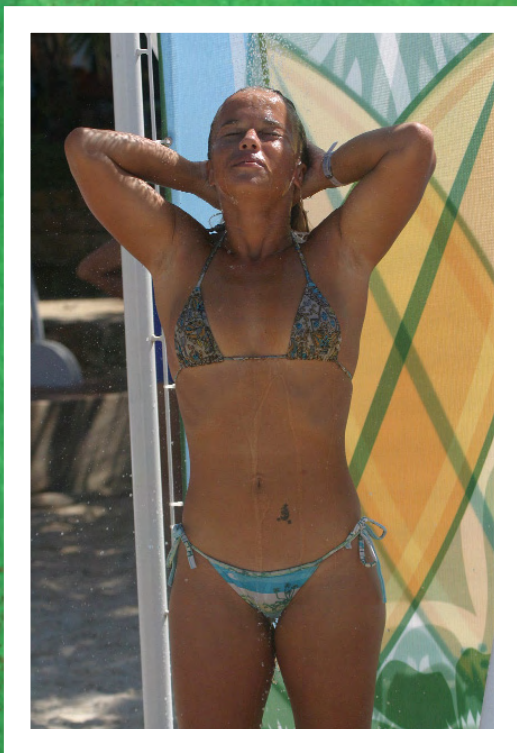
Pega umas ondas enormes e bota para baixo. Tem também a Chloe Calmon, que surfa com muito estilo: manda muito bem no estilo clássico. E ela é muito fofa. E a Shayna Avelino, que também é um grande nome. O trabalho está sendo legal, mesmo que ainda falte muito para o ideal. Mas temos que acreditar, como sempre acreditamos.



Mostrando as quilhas.



Comemorando a vitória do título.



*“O pranchão é a minha
profissão, é a minha paixão.”*



Treinando na praia da Macumba.



Fotos: Bidu

Parece fácil, mas não é!

ehlas: Você vai disputar o mundial na França?

O circuito Profissional é muito importante para nós: somente a campeã do circuito brasileiro tem vaga assegurada para o mundial da categoria, que acontece em junho, em Biarritz, na França. Somente uma etapa define a campeã Mundial de Longboard Feminino. Este ano, a vaga é minha, mas até agora não consegui viabilizar a minha ida: tenho até maio para confirmar a minha inscrição e estou correndo atrás de patrocínio. Mas está muito difícil.

ehlas: Como você descreve a praia da Macumba?

É uma onda muito boa para o Longboard. Virou um pico tradicional para o pessoal do pranchão. Sempre tem muita gente de pranchão, às vezes até espanta a galera das pranchinhas. Daqui já saíram vários talentos. Hoje em dia, 70% das meninas do Longboard são da praia da Macumba.

Mainá entre sua irmã Luara e o marido Dionísio. Família surfe.



eh!as: Vamos voltar à questão dos patrocínios...

Na real, o Longboard Feminino está apenas iniciando como categoria profissional. O que eu realmente gostaria é que eles (os patrocinadores) reconhecessem o meu trabalho. Eu faço porque eu gosto. Em São Paulo, quase todos os longboarders têm patrocínio. Aqui no Rio está muito complicado: às vezes, penso em parar de competir. Aí vai chegando a data dos campeonatos, eu corro atrás, vendo algumas pranchas... Sempre dou um jeito. Não deveria ser assim, né? O que eu gostaria é um apoio para ir para as competições sem outras preocupações. Que os patrocinadores acreditassem mais no Longboard Feminino.

eh!as: E a família?

Sou casada há 4 anos com o Dionísio, mas a gente está junto há 11 anos. Meu marido é doido para termos um filho e às vezes rola “uma pressão”. Está nos meus planos ter filhos, mas não agora, sou muito nova, tenho 23

anos. Agora estou dando prioridade para minha carreira. Sou muito apaixonada pelo surfe.

eh!as: Pranchão ou pranchinha?

O pranchão tem mais leveza e é bonito de se ver a caminhada sobre a prancha, aquele estilo clássico. É lógico que tem que ter batida e as outras manobras mais modernas. E na prancha pequena o surfe é uma coisa mas rápida, mais elétrica. Eu surfo de vez em quando de prancha pequena. Eu me identifico com as duas pranchas, mas o pranchão é a minha profissão, é a minha paixão.

eh!as: Qual é a maior dificuldade de surfar num pranchão?

Quando as ondas estão grandes, a maior dificuldade é varar a arrebenção com o pranchão, ainda mais eu, que sou pequena; às vezes, dependendo do mar, temos que largar a prancha - geralmente nessas horas os pranchões quebram. No Longboard se quebra



Unidos pelo surfe.
O abraço da vitória!

Foto: Rick Werneck

muita prancha. Ainda bem que eu tenho patrocínio para as pranchas; voltei ao Base, que era o meu shaper quando comecei a competir. Hoje, ele faz as minhas pranchas e o Caçador Glass lamina.

ehlas: Como é a sua rotina?

Eu surfo todos os dias de manhã e à tarde. Faço musculação, trabalho a parte aeróbica e o alongamento. Eu me dedico muito ao esporte: me considero uma atleta. Tive a oportunidade diversas vezes de seguir outros caminhos, mas o meu prazer está no surfe.

ehlas: Como você começou a organizar campeonatos?

Há um certo tempo, o Rio de Janeiro estava muito carente de competições, principalmente de longboard. Não tinha nenhum campeonato para a categoria. Temos vários atletas bons aqui no Rio, mas não tínhamos campeonatos, nem ritmo de bateria, como treinar e chegar forte em um brasileiro, um

mundial. Daí eu e meu marido começamos a fazer um Amador, em uma tendinha, e agora nossos campeonatos fazem parte do Circuito Carioca de Longboard. Tenho certeza de que esse circuito, que atualmente tem várias etapas, deu um ritmo muito grande de competições para a galera. A gente não tinha nada e, após 2 anos de circuito, em 2007, ganhamos dois títulos. A gente treinou, treinou, e agora os campeões brasileiros de Longboard (eu e o Roger Barros) são do Rio de Janeiro!

ehlas: Quais são os seus sonhos?

Eu tenho tantos sonhos... Eu queria tanto ter a oportunidade de poder conhecer outros lugares... Conheço muito o Brasil. Tive a oportunidade de conhecer a Costa Rica e o Peru, mas eu gostaria de competir em outros países, conhecer outras pessoas. Eu nunca participei de um campeonato mundial. Só de estar lá ia ser o máximo. Poderia até não passar nenhuma bateria, mas só de estar lá eu me



Duas vitoriosas do Longboard. Kika observa de perto Mainá.

Foto: Rick Werneck



*“Faça aquilo que
você ama, sem ter
que ganhar nada
em troca. É isso que
traz a felicidade.”*

realizaria. Eu queria muito passar por esse momento na minha vida.

ehlos: E a “*Família Longboard*”?

A galera do pranchão é super-alto-astral! Não tem preconceito com as meninas, e é muito difícil ver confusão dentro d'água. E no Longboard somos uma família: tem sempre uma galera te recebendo ao redor do Brasil durante os campeonatos, gente que até oferece ajuda para pagar as viagens.



ehlos: Você tem ídolos?

A minha referência sempre foi o Marcelo Freitas. Gosto muito do estilo dele; cresci vendo-o surfar e sempre me espelhei nas suas manobras. Entre as meninas, eu gosto muito da Silvana Lima. Acho o surfe dela muito radical, um surfe que se compara aos dos homens. Acho que brevemente ela será campeã mundial.

Fotos: Rick Werneck

MODA

MODA D'EHLAS no verão

Fotos Rick Werneck



Claudia Gonçalves

Surfista profissional, top 7 do Brasil



Michelle Des Bouillons

Campeã carioca amadora 2007



Suelen Naraísa

Atitude

*Ela foi destaque
em Pipeline
nessa temporada.*









ONDE VOCÊ PASSOU O

Ano Novo?

Por Marcia Marcelino

Ao analisarmos a soma astrológica do ano de 2008, chegamos a 10 (2+0+0+8). Na redução cabalística, o número "10" representa o "1", ou o ponto no centro da circunferência ao redor de um todo. Um universo a ser conquistado, um ciclo a ser iniciado.

E a revista **Eh!as** inicia o seu ciclo de vida mostrando onde algumas atletas do surfe feminino passaram a virada de 2007: como foi a passagem para este ano tão místico e quais foram os seus desejos.

Taças com borbulhas, brindemos a 2008! Brindemos à **Eh!as**!

Com vocês, o réveillon das tops do surfe.

Suelen Naraisa,

Onde você passou o Ano Novo?

Passei o ano novo na Venezuela, mais precisamente no aeroporto.

E como foi?

Foi uma situação bem diferente, pois eu, o Flavio, meu namorado, e o Wesley, que é meu irmão, chegamos lá uma hora antes da virada do ano e só conseguimos vôo para Isla Margarita, onde era o destino final, no outro dia.

Quais são os desejos para 2008?

Para 2008, meu desejo é de muita saúde e, se der, o título brasileiro. Mas vou tentar também uma vaga para o WCT.

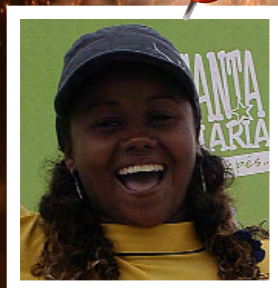


Foto: Rick Werneck

Taís Almeida,

Onde você passou o Ano Novo?

Passamos a virada do ano em casa e depois fomos pular umas ondas em Kirra.

E como foi?

Foi legal! Não como no Brasil, mas até que foi divertido...

Quais são os desejos para 2008?

Conseguir me classificar para o WCT e ser campeã brasileira... (risos)

Foto: Arquivo pessoal



Marina Werneck,

Onde você passou o Ano Novo?

Passei aqui na Austrália, na Gold Coast. Fomos para a praia em Green Mount.

E como foi?

Foi show! Na festança, até perdi meu celular. Foi para lemanjá, ha-ha-ha!

Quais são os desejos para 2008?

Meus desejos? Como esse era o meu meu último ano na categoria junior, eu queria muito ter levado aquele mundial! (Mundial Pro Junior, que acontece toda virada de ano na Austrália) Como não deu, quero agora me concentrar no circuito WQS.

Andrea Lopes,

Onde você passou o Ano Novo?

Fui para Maresias com uns amigos!

E como foi?

Muito bom! Sabia os lugares e a hora certa de surfar, fugindo do trânsito e do crowd... Esqueci de tudo por lá! Renovei as forças! Foi muito bom mesmo.

Quais são os desejos para 2008?

Meta profissional: ir atrás do penta no Circuito Profissional brasileiro. Meta pessoal: seguir a vida com cada vez mais equilíbrio, colocando em prática o que hoje em dia é o melhor para mim e para todos que me cercam, além de caminhar na paz e com saúde!

Foto: Roberta Borges



SUA ONDA pode acabar!



Por Laila Werneck

*Com o degelo das
calotas polares, o pico
onde você pega onda
pode parar de quebrar*

É isso mesmo: se o planeta aquecer, os gelos nos Pólos Norte e Sul derretem, fazendo aumentar o nível dos oceanos em 7 metros. Para quem mora na beira da praia, isso significa o mar batendo na sua porta; para países como as Maldivas, por exemplo, significa a própria extinção. Seu ponto culminante, ou seja, o lugar mais alto em todo o país, fica apenas quatro metros acima do nível do mar.

Como podemos ajudar a frear isso? O pensamento deve ser global, mas as ações precisam ser locais. Cada um deve fazer a sua parte e escolher que planeta quer deixar para as próximas gerações.

A tecnologia e a prosperidade trouxeram mais poluição e todos somos pegos nesse redemoinho. Quantos de nós, depois de ralarem no trabalho, sonhando em comprar um carro, abririam mão do sonho para ajudar a conter o aquecimento do planeta? Será que devemos mudar totalmente nossos hábitos e viver uma vida sem automóvel, energia elétrica e outras comodidades que surgiram com a modernidade dos tempos? Seria esta a grande solução para frear a degradação do planeta?

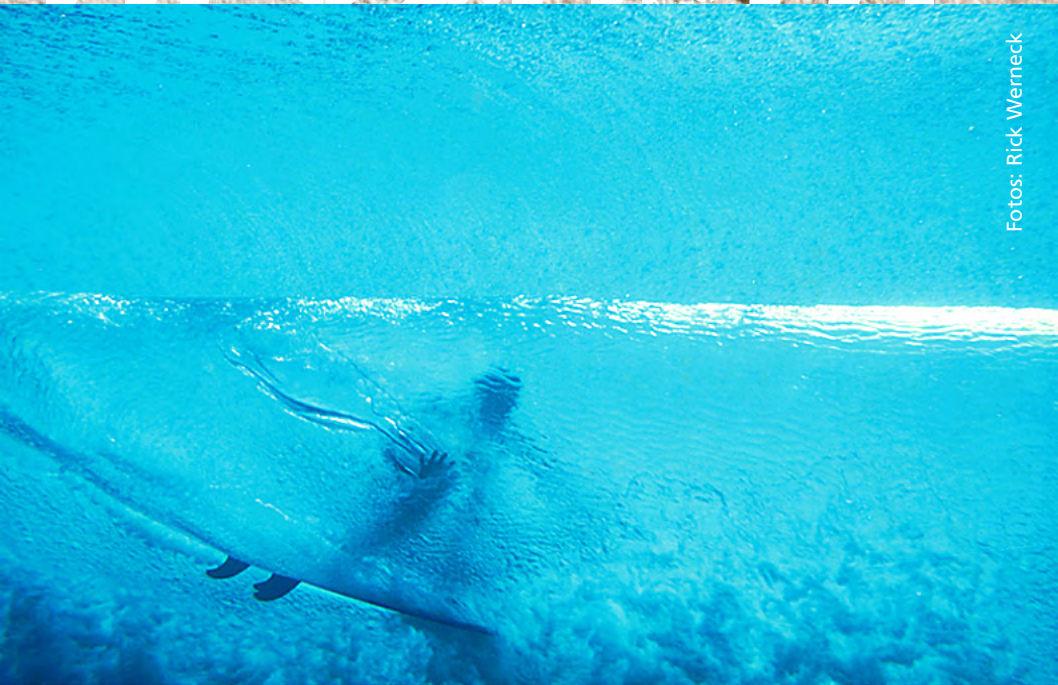
*Será que precisamos
produzir tanto lixo?
Reciclar é uma das soluções.*



Foto: Brigitte Mayer



MALDIVAS AFOGADA?



Fotos: Rick Werneck

Sinceramente, mesmo os ambientalistas mais radicais vivem e se beneficiam do conforto que o sistema capitalista oferece. Eu, particularmente, acredito que a solução para se ter um meio ambiente equilibrado não é viver no meio do mato, sem energia, máquinas ou conforto, mas sim encontrar tecnologias que nos permitam evoluir e produzir sem agredir a Natureza - além de se assumir uma mudança de hábitos, essenciais ao desenvolvimento sustentável.

A revista **Eh!as** nasceu em 2008, o Ano Internacional do Planeta — apesar da consciência de que todo ano deva sê-lo. Pensando na necessidade de mudarmos algumas das nossas atitudes, a **Eh!as** dá algumas dicas de como ajudar nessa luta. São pequenas atitudes que, quando adotadas com regularidade, podem fazer toda a diferença:

- Quando for à praia, leve um saco para colocar seu lixo, evitando poluir a areia e o mar, que provoca a morte de animais marinhos.

- Não desperdice água, um recurso natural escasso.
- Reduza, reaproveite e recicle TUDO O QUE VOCÊ CONSUMIR.
- Pratique a coleta seletiva.
- Respeite o próximo e promova a igualdade social.
- Faça a manutenção de seu carro e suas máquinas. Isso ajuda a diminuir a emissão de gases poluentes

Durante as próximas edições, vamos usar esse meio acessível e direto não só para mostrar o melhor, e as melhores, do surfe nacional e mundial, mas também para informar e difundir notícias ambientais nas nossas páginas.

Nós, amantes do surfe e da Natureza, contamos com vocês e esperamos trabalhar juntos a fim de garantir o respeito que devemos ter pelo Planeta que nos sustenta.

Até a próxima edição!

Laila Werneck
Analista Ambiental





SAIDEIRA:



A imagem já diz tudo!

ehlas

www.ehlas.com.br

Visite Ehlas.

Leia Ehlas.

Escreva para Ehlas.

Seja uma dEhlas,
conte suas aventuras,
mande suas fotos
e experiências.

ehlas

www.ehlas.com.br